


MOBILIZANDO NARRATIVAS: DO ESPANHOL AO PORTUGUÊS POR MEIO DA HISTÓRIA DAS ARPILLERAS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.82813251206>

Data de aceite: 26/08/2025

Adriane Pesovento

Ana Caroline Freitas da Silva

Aurora Gutierrez Perez

*Jurei mentiras E sigo
sozinho Assumo os
pecados*

*Os ventos do norte Não
movem moinhos E o
que me resta É só um
gemido*

*Minha vida, meus
mortos Meus caminhos
tortos Meu sangue latino
Minh'alma cativa*

*Rompi tratados Traí os
ritos Quebrei a lança
Lancei no espaço Um
grito, um desabafo*

*E o que me importa
É não estar vencido*
(Teixeira Pinto e Cunha
Mendonça, 1999)

a Ditadura Militar na segunda metade do século XX.. Entender e conhecer a experiência arpillerista como resistência feminina através de relatos e testemunhos vivenciados em um simples, mas ao mesmo tempo complexo momento da história é fundamental ao abordar suas trajetórias, tornando-se de conhecimento internacional o que fora invisibilizado historicamente pela presença de ideais coloniais que permanecem na América latina. É válido ser ressaltado e dialogar com o desenvolvimento da língua espanhola latino-americana no quesito de enaltecimento e valorização, pois a língua desempenha um papel central na preservação e transmissão da identidade cultural e histórica de um povo, até porque facilita a comunicação em diversas esferas, desde negociações comerciais, colaborações científicas, laços interpessoais e relações culturais, portanto, nesse estudo optou-se por investigar tais traços ou relações entre língua e o movimento arpillero. Contudo, neste trabalho é demonstrado como bordados são compostos por elementos e símbolos, que muitas vezes fora usado como meio de expressão política e social, inúmeras pessoas utilizaram-se e utilizam-se desta expressão para denunciar

RESUMO: As arpilleras são/foram mulheres pertencentes a um movimento formado inicialmente no Chile durante

os desaparecimentos de amigos e familiares, abuso de poder e a violência cometido no período ditatorial chileno. Nas artes-bordados, em uma espécie de bolso atrás do tecido e costura eram anexados papéis contando relatos/testemunho sobre os horrores do regime de Pinochet, era uma forma de disseminar através da escrita em espanhol aproximando o mundo tanto da história opressora, quanto da língua tão bela e nesse caso dramática, fios, linhas, tecidos, língua explicam aos estrangeiros o que era vivido no Chile ditatorial, logo, nesse estudo há a intenção de acrescentar a poesia da língua espanhola falada junto a força da história ocorrida, verbalizar é apresentar elementos que traduções “secas” muitas vezes incapazes de fazer “sentir”. Segundo Oliveira (2015) preservar as diferenças linguísticas e culturais é um imperativo ético na tradução, pois a “fidelidade” tradicional é logicamente impossível devido que as ferramentas eletrônicas não consideram as diversidades culturais e linguísticas dificultando a possibilidade de escolha para a tradução. Além disso, à imposição de padrões de coesão para facilitar a reutilização é inevitável no uso de tecnologias, mas é importante distinguir essas questões éticas de natureza distinta, como o conflito de lealdades em relação à propriedade intelectual das fórmulas tradutórias. De acordo com Campos (1986) imagine alguém buscando a versão original de um texto em todas as traduções disponíveis, apenas para se decepcionar ao perceber que, por mais fiéis que sejam, nunca conseguirão capturar completamente sua essência. Cada tradução é apenas uma tentativa de recriar o original, e sempre há espaço para outras abordagens. É como se de um mesmo texto brotassem múltiplas interpretações válidas, cada uma servindo a diferentes propósitos. Além disso, no decorrer do artigo propõe-se observar e narrar com base nas ações e atividades do PIBID, onde o bordado chileno foi incorporado e recriado como atividade de aprendizado, consciência crítica e lúdica para pensar o ensino da história.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de História, PIBID, Arpilleras, Ditadura, Língua Espanhola.

INTRODUÇÃO

O presente artigo/relato traz uma perspectiva de uma lacuna que nos deparamos no decorrer e desenvolvimento das atividades do Programa de Iniciação à Docência – PIBID, quanto a presença e a importância da língua espanhola em diálogo com o ensino de história, quando do desenvolvimento do subprojeto e sua proposta de atividades, entre as quais, se incorporou como atividade promotora e impulsionadora do conhecimento, de forma lúdica a inserção dos estudos e experiências oriundos do bordado chileno, a saber: as artes-artesanatos das arpilleras e sua relação com a ditadura vigente naquele país. Foi possível constatar o quanto a produção científica está inclinada para a história europeia e depreciando/ignorando o período das ditaduras que se instauraram ao longo da América Latina, pois ao pesquisar o assunto, observou-se que é tratado de maneira muito insipiente,¹ principalmente dando uma ênfase maior na ascensão de Salvador Allende ao governo do Chile por escolha do povo e logo após quase três anos de seu mandato, seu fim, em face da conspiração para sua derrubada através do golpe militar encabeçado pelos Estados Unidos e liderado por Augusto Pinochet impondo um regime ditatorial.

1 Sabe-se que os regimes ditatoriais na América Latina como um todo ainda não foram devidamente pesquisados e estudados, pois seus fins recentes ainda assombram as frágeis democracias e os poderes conservadores empenham-se em manter esse baú histórico fechado. Talvez essa seja uma das razões para os poucos estudos.

A partir do contexto acima mencionado apresentaremos situações que evidenciam como o Brasil esteve relacionado de forma ativa e também financiadora deste regime que se impôs no Chile, daremos atenção também à ligação que a Igreja Católica manteve com as arpilleras no processo de resistência que se iniciou de forma coletiva e dinâmica entre as mulheres como forma de alívio da dor por meio do bordado, a forma que encontraram para que pudessem passar despercebidas pelos poderes de polícia instituídos e que depois deu a conhecer a realidade chilena em nível internacional de forma denunciante inspirando futuros movimentos de resistência.

Neste trabalho é feito uma breve análise dos relatos de vítimas e sua dramaticidade ao traduzi-los, além de proporcionar um destaque da relevância da língua espanhola latina para uma melhor compreensão do seu passado-presente, alinhando com o papel do (as) docente como formador e sensibilizador para a construção da consciência crítica dos discentes por eles tocados.

Além disso, foi esboçado através de testemunhos e narrativas, a vivência das mulheres que se preocupam em levar adiante as denúncias de violências cometidas por militares para o mundo, como enfrentam seus desafios cotidianos e como resistiram tomando precauções para se proteger da opressão.

Quanto ao papel do professor, pensar de que forma a introdução da língua inglesa e a língua espanhola da Espanha, aplicadas como prioridade nas escolas ainda nos mantém reféns de um campo simbólico e representativo que idealiza os países latinos como sendo inferiores a começar pela língua que se integrou a grupos que aqui já existiam fomentando uma política de silenciamento e de coação.

Dessa forma, refletir como a língua é carregada de elementos históricos, políticos, sociais e econômicos em que se possibilita experimentar e desenvolver um senso crítico a partir de histórias regionais invisibilizada pela herança colonial imposta por países ibéricos aqui na América Latina tem usado meios de manipulação externa.

O DISTANCIAMENTO DA LÍNGUA ESPANHOLA DESPREZA A RELEVÂNCIA DA HISTÓRIA DITATORIAL CHILENA

A ditadura chilena teve início com o Golpe Militar que ocorreu no ano de 1973 e acabou consequentemente derrubando o presidente Salvador Allende. Esta figura política foi presidente do Chile entre o ano de 1970 a 1973, fazendo parte como membro do Partido Socialista do Chile. Salvador foi eleito democraticamente e tornou-se o primeiro presidente socialista eleito em um sistema democrático. Seu governo foi marcado por um programa de reformas consideradas de esquerda e por muitos vistas como cunhos sociais emergentes e necessários, que buscavam nacionalizar a indústria-chave, expandir o acesso à saúde e educação e reduzir as desigualdades sociais, além de apresentar uma abordagem mais socialista da economia.

Contudo, as reformas de Allende provocaram uma forte oposição de setores da sociedade chilena, principalmente por parte dos empresários, militares e grupos de direita. Essas tensões políticas aumentaram ao longo do seu mandato como presidente devido que seu país estava enfrentando desafios significativos na economia.

É válido ressaltar que havia empresários que possuíam negócios com outros proprietários no âmbito da comercialização de produtos em países estrangeiros, que também eram a favor ao Golpe Militar e da retirada do Salvador Allende como presidente do Chile. Como é o caso do Pedro Ibáñez Ojeda, um dos financiadores da ditadura, que mantinha relações comerciais com um empresário de São Paulo, comprava mercadorias como máquinas agrícolas, desse modo, aproveitaram de a oportunidade desses materiais ser embalados dentro de caixas para traficar equipamentos bélicos para o fortalecimento ditatorial no Chile, como é relatado a seguir:

[...] Pedro Ibáñez Ojeda, empresário e senador do partido nacional e sócio do grupo Adoltra Allende, dadas as suas vinculações com o empresariado de São Paulo, de onde sua empresa importava maquinaria agrícola e equipamentos industriais. Dentro das caixas, que saíram do porto de Santos, eram contrabandeados os armamentos (metralhadoras e fuzis, entre outros petrechos bélicos) para o Pátria y Libertad, no Chile. (BANDEIRA, 2008, p.289)

Em 11 de setembro de 1973, as Forças Armadas chilenas lideradas pelo General Augusto Pinochet lançaram um Golpe Militar. Essa operação incluiu bombardeios ao Palácio de La Moneda, onde Allende estava. Infelizmente, o presidente Allende acabou morrendo durante o golpe e o governo foi derrubado. Como resultado, após o golpe, Pinochet assumiu o poder e instaurou um regime militar autoritário, em consequência, dissolveu o Congresso Nacional e suspendeu a Constituição de 1925.

Durante a ditadura de Pinochet, o Chile passou por profundas mudanças econômicas, entre elas a implementação de políticas neoliberais que incluíram a privatização de empresas estatais, a abertura da economia ao comércio internacional e a redução das regulamentações governamentais. Isso levou a uma transformação na economia chilena, porém também resultou em uma crescente e elevada desigualdade social.

Além disso, no decorrer do período ditatorial houve uma repressão severa a opositores políticos, sindicalistas, intelectuais e qualquer pessoa considerada ameaça ao regime, através de prisões arbitrárias, tortura e execuções e desaparecimento ocorridas em larga escala. Portanto, estavam extintos direitos civis e liberdade de imprensa já que ambas eram controladas fortemente pelo governo por meio de violência.

Todavia, a ditadura não era uma especificidade apenas do Chile, esse sistema ocorreu e ocorre até os dias atuais em todo América Latina, pois está associado como forma de controle social e histórico por parte dos países europeus e dos Estados Unidos. Além do mais, a persistência do domínio da oligarquia latifundiária e a influência contínua de interesses estrangeiros demonstram como os frutos da independência frequentemente não conduziram a mudanças substanciais na estrutura de poder e nas relações socioeconômicas:

A prolongada guerra contra o domínio colonial e as guerras civis, que se sucederam e adquiriram características mais ferozes, geraram o militarismo. Com o militarismo surgiram os caudilhos, os senhores da guerra. E em cada região da América espanhola, o poder passou às mãos desses caudilhos, geralmente militares, embora nem sempre soldados profissionais, e eles instituíram um arremedo de República presidencialista, sem qualquer mudança na estrutura econômica e na estratificação social do país, continuando a prevalecer o domínio da oligarquia latifundiária e a influência de interesses estrangeiros. (BANDEIRA, 2008, p.53)

Contudo, toda esta questão em como a América Latina está estruturada, tem relação com o movimento de colonização, ou seja, o país colonizado é limitado em suas posições discursivas e abastecedores de matéria prima para países classificados como desenvolvidos, dessa forma, sendo impossível ocupar as posições ocupadas pelo colonizador. Isso significa que a voz do colonizado está predeterminada pela posição do colonizador, reforçando a assimetria de poder na relação entre colonizador e colonizado:

Dessa forma, as políticas de silenciamento intervêm no jogo da memória: o brasileiro, para significar, tem como memória (domínio do saber) o já-dito europeu. Essa é a heterogeneidade, [...] que o toma desde a origem, a sua fala é falada pela memória do outro (europeu). Por isso o silêncio do nomear faz intervir o interdiscurso do outro (o europeu), fazendo-nos significar (quer queiramos quer não) na história dos sentidos. No caso do discurso da colonização, o sujeito colonizado não pode ocupar posições discursivas (com seus estatutos e sentidos) que o colonizador ocupa. Mais que isso, é a partir 63 das posições do colonizador que são projetadas as posições possíveis (e impossíveis) do colonizado. Seu dizer está assim predeterminado pela posição do colonizador. (OLIVEIRA, 2011, p.62-63)

Portanto, o silêncio se torna um ato de nomear, pois ele intervêm no interdiscurso do outro, ou melhor, do europeu. Ao evitar a nomeação e ao se abster de criar uma narrativa própria, o discurso da América Latina é forçado a se alinhar com a história de sentido estabelecida pelo colonizador, transformando assim em um processo em que mesmo quando não deseja, é destacar a imposição da perspectiva europeia na construção da identidade cultural e do discurso latino-americano (MENDES; MENDES, 2022).

Além disso, de acordo com Paraquett (2006), a pontos essenciais para a construção e enaltecimento da história latino-americana, é a língua e a influência da regionalização, metamorfoseando em países únicos e peculiares, visto que, cada língua, contém experiências e perspectivas que se torna um elemento vital na construção e preservação da identidade cultural. Através da linguagem, as histórias são contadas, a sabedoria é transmitida, e as expressões artísticas encontram sua voz distintiva, como é o caso das arpillera.

Segundo Rodrigues (1988, p.106) “[...] cada língua é instrumento fundamental da criação, da manifestação e da transmissão de uma cultura [...]” e desse modo a diversidade linguística contribui para a riqueza e a variedade cultural para o legado do patrimônio humano:

[...] Podemos dizer que o histórico é o lugar da territorialização da identidade do homem na relação tempo-memória. Na construção da sua identidade é no discurso histórico que o homem se constrói em sua dimensão memorável; aquilo que - resultando política e ideologicamente do confronto das relações de força e de sentido, e instituindo o que chamamos 'tradição' - se apresenta como aquilo que deve ser dito (e consequentemente também o que deve ser excluído, o que não ser dito), e, logo, 'lembrado' (ou esquecido) a propósito do passado, no que diz respeito à constituição da sua memória". (OLIVEIRA, 2011, p.80)

O desenvolvimento do pertencimento cultural pode se estagnar quando o indivíduo apenas visa os interesses políticos e ideológicos externos, já que não leva em consideração a tradição da memória ancestral do conhecimento. No entanto, conforme tocamos na memória histórica excluímos identidades, vivências e a própria língua afetando, o que chamamos de tradição, ocasionando perda de traços culturais e consequentemente fragilizando a história de povos por opressão e manipulação.

A História Das Narrativas Dos Testemunhos/Relatos De Resistência Arpillerista

O Movimento das Arpilleras foi uma forma de expressão artística e política que surgiu no Chile durante a ditadura militar liderada por Augusto Pinochet, que durou de 1973 a 1990. As arpilleras eram painéis têxteis tridimensionais bordados ou costurados em tecido, geralmente juta, estopa ou sacos de batata, que retratavam cenas e imagens que ilustravam a vida sob a ditadura, denunciavam as violações aos direitos humanos e registravam as histórias de pessoas afetadas pela repressão (LIMA, 2018).

As arpilleras eram criadas principalmente por mulheres de comunidades marginalizadas, muitas das quais eram esposas, mães ou familiares de pessoas que haviam sido presas, torturadas ou desaparecidas pelo regime militar. Essas mulheres se reuniam em grupos para bordar as cenas que presenciaram ou ouviram falar, usando linhas coloridas para transmitir mensagens de resistência e denúncia. As imagens frequentemente retratavam prisões clandestinas, tortura, pobreza e a repressão do regime, fornecendo um testemunho visual das atrocidades cometidas pelo governo.

Além disso, as histórias contidas nestas arpilleras se tornam mais fáceis para emergirmos a partir do momento que temos algo para tocar e poder visualizar e, consequentemente colocarmos ou imaginarmos como seria vivenciar tal situação nós mesmos. Dessa maneira, as arpilleras são capazes de nos sensibilizar e ao mesmo tempo nos levar a reflexões profundas, como é relatado o testemunho de Doris Meniconi Lorca:

Soy la madre de Isidro Pizarro Meniconi, quien fue detenido y luego desapareció el 19 de noviembre de 1974. Toda mi familia fue perseguida durante la dictadura militar en 1973. Hoy mis 8 hijos viven en Suiza. Mi esposo no lo pudo soportar y también se fue para vivir cerca de sus hijos y nietos. Yo decidí quedarme. Es duro vivir sola, tan lejos de los seres queridos, pero la esperanza de encontrar a mi hijo desaparecido es lo que me mantiene viva.

Les debo mi vida a mis compañeras arpilleristas que me han acompañado en esta cruzada eterna en pos de encontrar a mi hijo. Debido a todo lo insano que he vivido –las protestas en las que he participado, los apaleos que he sufrido, las detenciones durante los años de angustia, desesperación, dolor– llegué a estar hospitalizada [...] Las mujeres de la Agrupación reemplazaron a mi familia, especialmente a mis hermanos y hermanas que me abandonaron después del golpe militar. (BACIC, 2012, p.44)²

As cenas retratadas nas arpilleras representavam manifestações, tortura, desaparecimentos, prisões arbitrárias e outras formas de violência perpetradas pelo regime militar. As mulheres incorporaram símbolos e elementos visuais para transmitir mensagens ocultas, já que a expressão direta de suas críticas poderia levar a uma retaliação. Essas perspectivas de cenário muitas vezes capturavam o sofrimento e a resiliência do povo chileno em face da opressão.

Além disso, havia órgãos que eram contra o regime de opressão e no intuito de dar suporte, consequentemente, ofereciam exílio e colaboraram com os trabalhos arpilleristas em suas vendas como é o caso da narrativa do testemunho de Peter Gessler a seguir:

Luego del golpe militar en Chile, se formó en Suiza un movimiento de solidaridad que se comprometió públicamente en la tarea de apoyar la llegada y acogida de exiliados. Esto se hizo a nivel de Iglesias y de comunidades de base. En este contexto, el Obispo Carlos Camus Larenas, Secretario de la Conferencia Episcopal de Chile, vino a Suiza en 1975 o 1976 a informar sobre la tarea de apoyo a la protección de los derechos humanos y la labor ecuménica que desarrollaba la Vicaría de Solidaridad. Su compromiso de oponerse a la represión y violación de los derechos humanos, hizo que tuviese que dejar su puesto en Santiago y fue enviado a Linares. Yo trabajaba en ese tiempo en el cantón de Aargau para la Iglesia Evangélica Reformada. Mi esposa se acuerda claramente de haber comprado una arpillerá alrededor de 1980 en un stand del grupo Acción por Chile. (BACIC, 2012, p.45)³

Durante a ditadura foram formadas ou participaram instituições com o propósito de proteger e apoiar vítimas da opressão ditatorial, como é o caso da Igreja Católica que

2 Sou a mãe de Isidro Pizarro Meniconi, que foi detido e desapareceu dia 19 de novembro de 1974. Toda minha família foi perseguida durante a ditadura militar de 1973. Atualmente meus 8 filhos moram na Suíça. Meu esposo não pôde suportar e também foi embora para morar perto dos seus filhos e netos. Eu decidi ficar. É duro viver tão só, longe dos seres queridos, mas a esperança de encontrar meu filho desaparecido é o que me mantém viva. Devo minha vida a minhas companheiras arpilleristas que tem me acompanhado nesta cruzada eterna em prol de encontrar meu filho. Devido ao insano que tenho vivido-protestas que participei, os espancamentos que sofri, as detenções durante os anos de angústia, desespero, dor cheguei a ficar hospitalizada[...] As mulheres da Associação substituíram minha família, especialmente meus irmãos e irmãs que me abandonaram depois do golpe militar". (Tradução: Aurora Gutierrez Perez, 2024).

3 Logo depois do golpe militar no Chile, formou-se na Suíça um movimento de solidariedade que se comprometeu publicamente a tarefa de apoiar a chegada e acolhimento dos exilados. Isso se fez a nível de igrejas e comunidades de base. Neste contexto, o bispo Carlos Camus Larenas, Secretário da Conferência Episcopal do Chile, veio à Suíça em 1975 ou 1976 a informar sobre a tarefa de apoio a proteção dos direitos humanos e o trabalho ecumênico que desenvolvia o Vicariato da Solidariedade. Seu compromisso em se opor à repressão e violação dos direitos humanos, fez com que tivesse que deixar seu posto em Santiago e fosse enviado a Linares. Eu trabalhava no Kanton Aargau para a Igreja Evangélica Reformada. Minha esposa se lembra claramente de ter comprado uma arpillerá ao redor de 1980 em um estande do Grupo Acción por Chile. (Tradução: Aurora Gutierrez Perez, 2024).

tinha o intuito de investigar os desaparecimentos e, cientes da impunidade, abraçavam a realização de trabalhos manuais denunciando aquilo que se vivia naquele período.

Outra instituição era o Pro-paz, um comitê criado por líderes religiosos que visava auxiliar os necessitados e vítimas que tiveram seus Direitos Humanos violados. Mas, segundo Lima (2018), infelizmente durou apenas por dois anos, em razão de sofrer perseguições militares. Logo em seguida foi criado o Vicariato de Solidariedade que também sofreu pressão até se retirar do país. É válido ressaltar que todas as vítimas receberam o apoio destas instituições, visto que acabou desencadeando um movimento de resistência política e de solidariedade.

O manuseio e execução do trabalho das arpilleras é capaz de transbordar sentimentos, emoções e vivências fascinantes ao bordar e costurar histórias tão dramáticas e mistérios não solucionados de vítimas de acusações e coerção políticas ditatoriais, como essa descrição do testemunho de Valentina Bonne que é uma colaboradora de um atelier de arpilleras:

Las historias quedaron como testimonios veraces [...] Era dramático ver a las mujeres llorar mientras cosían su propias experiencias, pero también era enriquecedor ver cómo –de algún modo– el trabajo también les ofrecía alegría, desahogo y felicidad al ver que eran capaces de crear alivio al poder, simplemente, estar con otras personas y tener la posibilidad de conversar, coser y ser capaces, en definitiva, de confiar en que a través de este registro visual otras personas podrían conocer sus historias. (BACIC, 2012, p.45)⁴

As arpilleras atribuíram em suas obras novos significados e contextos, apresentando através de narrativas suas lutas e desafios a estruturas de poder vigentes. Além disso, essas mulheres utilizam as arpilleras como uma forma de dar voz às suas experiências marginalizadas e oferecer uma crítica contundente às desigualdades e injustiças presentes na sociedade.

Contudo, as arpilleras se tornaram uma parte significativa da identidade cultural chilena e são valorizadas como uma forma de expressão artística e resistência histórica. O movimento das arpilleras também inspirou outros grupos e difundiu-se em diferentes partes do mundo, utilizando a arte têxtil como meio de expressão e manifestação pública.

Essas arpilleras são importantes agentes de conscientização e mobilização, permitindo que as vozes das comunidades afetadas sejam ouvidas e ampliadas, como é relatado e vivenciado por uma testemunha local:

4 As histórias ficaram como testemunhos verdadeiros [...] Era dramático ver as mulheres chorarem enquanto costumavam suas próprias experiências, mas também era enriquecedor ver como- de algum modo- o trabalho lhes oferecia desabafo e felicidade ao ver que eram capazes de criar alívio, simplesmente por estar com outras pessoas e ter a possibilidade de conversar, costurar e ser capaz, definitivamente, de confiar que através desse registro visual outras pessoas poderiam conhecer suas histórias. (Tradução: Aurora Gutierrez Perez, 2024).

Esta arpillera nos muestra una de las tantas campamentos que existen pueden apreciar algunos de los problemas de matrimonio o por no tener trabajo el esposo, una mujer viuda llora la muerte de su esposo unas niñas enfermas y el problema de camas. Y lo principal en esta arpillera es el comedor infantil donde cada día la comida cunde menos. (BACIC, 2012, p.66-67)⁵

Essas mulheres encontraram nas arpilleras uma forma de expressar sua dor, luta e solidariedade, além de denunciar as violações de direitos humanos cometidas principalmente no período da ditadura, ao realizar o compartilhamento de histórias, fortalecendo laços e criando espaços de resistência, apenas com agulhas, linhas e pedaços de tecido usado por seus parentes desaparecidos ou por elas mesmas.

O movimento em forma de arte-artesanato é inspirador para mulheres de outros países como aqui no Brasil que usam seus bordados para pressionar o poder público sobre as consequências do crescente capitalismo que atinge a populações mais vulneráveis, mulheres, indígenas, crianças, etc.

Sendo assim, a cultura é capaz de hibridizar, ou seja, de se transformar. Fica visível isso pelo fato das arpilleras terem alcançado o mundo inteiro através da arte denunciante o que culminou no empoderamento feminino e voz ativa em âmbitos sociais, políticos e econômicos. No Brasil, como foi mencionado anteriormente, por exemplo, as mulheres usam da mesma arte para denunciar os prejuízos que suas famílias têm com a construção de barragens, mortes, estupros, violência doméstica, entre outros que o descaso político é denunciado e cobrado.

Ademais, são exibidas em exposições, manifestações e eventos. Essas expressões artísticas aqui no Brasil têm suas referências nas pioneiras chilenas arpilleras, chamando a atenção para as questões relacionadas à construção de barragens e pressionando por mudanças nas políticas e práticas desses projetos. As arpilleras do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB representam uma forma poderosa de resistência artística e uma maneira de manter viva a memória das lutas das comunidades afetadas.

As arpilleras utilizavam como mecanismo de precaução e proteção ao relatarem suas vivências/histórias nos bordados de maneira anônima ou apenas utilizando o primeiro nome fictício ou não como autoria no seu bordado e assim escreviam um pequeno bilhete também para informar o seu público ou apreciadores estrangeiros do que este bordado significava. Esta pequena carta informativa localizava-se na parte detrás do bordado, pois era extremamente difícil uma compreensão visual imediata de pessoas que vinham ou vendiam no exterior, como é relatado em uma entrevista onde as arpilleras chilenas de Santiago, Maria Madariaga e Patricia Hidalgo (2021) expõem:

5 Esta arpillera nos mostra um dos tantos acampamentos que existem. Podem ver alguns dos problemas de casamento ou pelo marido não ter um emprego, uma mulher viúva chora a morte seu esposo, umas meninas doentes e o problema de camas. E, o principal nesta arpillera é o refeitório infantil, onde a comida é cada vez menos. (Tradução: Aurora Gutierrez Perez, 2024).

No hay que olvidar que las arpilleras fueron prohibidas eran peligrosas [...] para la dictadura chilena. Entonces nosotras teníamos que tener la precaución de no poner firma ni nada si no que nosotros detrás de la arpillera poníamos una bolsita y ahí una carta que [...] hacía un relato de lo que significaba esa arpillera [...]. Claro hay iba un papelito de cuaderno, [...] y uno le decía: bueno, soy patricia y esto es lo que quiero representar aquí, pero tampoco nombre completo nada y se lo entregamos a una persona allá en la Vicaría. (Genero, 2021)⁶

As arpilleras retratam as consequências da ditadura e as lutas por justiça e direitos. Elas são feitas com tecidos coloridos e peças de roupas usadas pelos desaparecidos que logo eram incorporados nas cenas da vida cotidiana das comunidades, torturas, represália, fome, desigualdade, falta de liberdade de expressão, abusos e assassinatos.

Todavía essas mulheres sofreram opressão por parte dos militares, portanto as arpilleras temiam denúncias locais, tais como, seus próprios parentes e vizinhos. O bordado era feito escondido e em horários que ninguém pudesse ver ou denunciar, como é descrito a seguir:

[...] tuvimos que hacerla escondidas, teníamos que estar cada una en su casa, cosíamos en la noche escondiendo las arpilleras. [...] había algo que hasta los hijos denunciaban a los padres. Entonces ni siquiera los hijos nuestros podían saber que nosotros estábamos haciendo arpilleras [...] los vecinos igual había mucho temor que pudieran decir algo. (Genero, 2021)⁷

É válido ressaltar que devido à grande opressão, a população masculina sofria por falta de emprego, e consequentemente não trabalhavam, uma vez que não tinham roupas, muito menos calçado e além deles estarem doentes devido a consequências das torturas, fazendo com que as mulheres e até mesmo as viúvas desses desaparecidos e falecidos tivesse que tomar a frente do sustento de suas casas. Contudo, as arpilleras eram em sua maioria a única fonte de renda e alívio da dor e do sofrimento, pois era de caráter denunciante.

6 Não se pode esquecer que as arpilleras foram proibidas, eram perigosas [...] para a ditadura chilena. Então tínhamos que ter a precaução de não pôr assinatura, nem nada. Por detrás da arpillera colocávamos um bolso e dentro uma carta que [...] fazia um relato do que significava essa arpillera [...]. Claro, ali ia um papelzinho de caderno, [...] e que dizia: bom, sou Patricia e isso é que quero representar aqui, mas também nada de nome completo e entregamos a uma pessoa lá do Vicariato. (Tradução: Aurora Gutierrez Perez, 2024).

7 [...]tivimos que fazer escondido, tínhamos que estar cada uma na sua casa, costurávamos à noite escondendo as arpilleras. [...] havia algo que até os filhos denunciavam seus pais. Então, nem sequer os filhos podiam saber que fazíamos arpilleras [...] os vizinhos, a mesma coisa, tínhamos medo que possam dizer algo. (Tradução: Aurora Gutierrez Perez, 2024).

A Desvalorização Da Língua Espanhola E Suas Consequências Na História Latino-Americano E Docente

O espanhol, também conhecido como castelhano em alguns países, é uma das línguas mais faladas do mundo sendo uma língua oficial em 21 países. O espanhol é uma língua romance (ou romance), o que significa que descende do latim vulgar e pertencente à família das línguas indo-europeias. Sua origem remonta ao período em que a Península Ibérica (atual Espanha e Portugal) estava sob o domínio romano (BASSO; GOLÇALVES, 2014). Durante esse tempo, o latim era a língua da administração e do governo romanos. No entanto, nas áreas rurais e entre a população local, o latim vulgar começou a se misturar com influências de línguas pré-romanas, resultando no latim vulgar ibérico e com o passar do tempo foi evoluindo esse latim vulgar na Península Ibérica. É válido ressaltar que o espanhol e o português pertencem ao mesmo tronco Indo-Europeu e também a uma mesma família que neste caso é o Latim.

Concomitantemente, o português é uma língua românica que se originou na região noroeste da Península Ibérica durante a Idade Média. A sua história remonta ao latim vulgar falado pelos soldados romanos e colonos que se estabeleceram na região. Com o tempo, esse latim vulgar evoluiu e misturou-se com as línguas nativas pré-existentes, resultando no que se tornou conhecido como galego-português (GAMA, 1979).

No decorrer das grandes navegações, descobrimento de novos territórios e a expansão colonial, os espanhóis levaram sua língua para vastas partes da América, Ásia e África. E consequentemente a língua espanhola se misturou com influências indígenas e africanas, resultando em uma variedade de dialetos e variações regionais do espanhol nas Américas:

Quando se está fora da Espanha, é comum que se pense apenas no Espanhol como língua oficial e os livros didáticos reforçam essa visão. No entanto, qualquer visitante sabe que a língua espanhola passa a ser a segunda em detrimento das outras, quando se sai do centro de poder do país. O Espanhol é a primeira língua de Madri e de outras comunidades que não têm sua língua oficial, mas em Barcelona, por exemplo, ele perde para a política de hegemonia do Catalão. Ou seja, nem o empenho dos Reis Católicos, nem o sistema autoritário do General Franco eliminaram as demais línguas da península, mas o Castelhana continua sendo a língua do poder central constituído. E o mesmo acontece em muitos países hispano-americanos, onde convivem diferentes línguas. (PARAQUETT, 2006, p.119)

Contudo, devido ao eurocentrismo e a disseminação onde se deve ter língua oficial e hegemônica acaba afastando-nos das influências indígenas aqui presentes (América Latina) limitando de desenvolver um senso crítico da própria sociedade a qual pertence e nega toda uma história que foi construída ao longo de séculos através de sangue e suor.

Além disso, a tradução convencional ou automática feito pelo google, como resultado os testemunhos /relatos perdem sua força e o drama, e consequentemente priva o sentido

dramático, ou seja, afasta-se de uma tradução precisa, até porque algumas traduções mudam os termos de maneira equivocada o que se torna não confiável:

Das 66 pessoas que afirmaram conhecer o Google Tradutor, 63 delas (93%) indicam utilizá-la. Nota-se que a grande maioria das pessoas que conhece a ferramenta confia nela o bastante para usá-la. Um dado relevante é que, apesar de 76% dos usuários que utilizam a ferramenta alegarem confiar nela, os mesmos afirmam haver a necessidade de checar os dados em outras fontes. (COSTA; DANIEL, 2013, p.345)

De acordo com essa pesquisa, é denotado que as traduções sugerem uma investigação mais aprofundada conforme o Google ao traduzir frases ou textos mais extensos, evidenciando uma defasagem ao utilizar a ferramenta. Segundo Costa e Daniel (2013, p.334) “Conforme a disponibilidade de ferramentas que afirmam ser de tradução automática aumenta, surgem muitas críticas de usuários e profissionais ao uso delas [...]”, já que não leva em conta a variação dialética da região de cada país mesmo tendo a mesma língua. Assim como a belíssima canção Sangue Latino não explode em emoções e sentidos sozinhas, precisou ela da interpretação profunda, pujante, provocadora e sensível de Ney Matogrosso para nos mobilizar e entranhar seus sentidos em recôncavos mais profundos do nosso ser, também uma tradução feita pobremente a partir de algoritmos não é capaz de dispor da força, eloquência e semiose da língua espanhola.

Contudo, é utilizado um método com uma forma de aproximar mais a língua estrangeira do estudante para um melhoramento na aprendizagem e na fala com os nativos. Esse recurso é chamado de textos literários:

O texto literário ainda é um gênero pouco utilizado por professores da língua espanhola no ensino médio, principalmente porque muitos desses profissionais não o consideram adequado para esse nível de ensino, devido às inadequadas crenças de que a linguagem que veicula é muito difícil ou de que a literatura em língua estrangeira só deve ser levada para o nível superior. Entendemos que isso ocorre, principalmente, pela confusão que muitos fazem ao pensar que a literatura só pode ser ensinada teoricamente, e não como uma mostra viva de língua que pode ser lida e explorada. (SILVA; ARAGÃO, 2013, p.163)

Além disso são encontradas dificuldades neste modo de ensinar uma outra língua nas escolas e instituições de níveis superiores, devido ao fato da desvalorização desse profissional que em média são professores de letras e muitos deles para poder cumprir sua carga horária acabam tendo que dar aula de uma língua estrangeira, de uma maneira geral, o inglês e o espanhol. Mesmo que exista por parte governamental uma lei que ampare a oferta de uma outra língua, infelizmente só é enaltecido apenas e exclusivamente a língua inglesa, já que o espanhol é ofertado, em sua maioria, como optativa sendo lecionado em contra turno. Portanto, a língua inglesa acaba transformando assim como uma política de hegemonia linguística reafirmando o aspecto de domínio, devido às relações comerciais estabelecida com a América Latina e conseqüentemente deixando o espanhol de lado:

Assim, constatamos que, há um alto índice de perdas para a aprendizagem de Língua Espanhola, desfavorecendo, de certa maneira, a formação de sujeitos críticos, pensantes, com aprendizagem baseada em um sistema democrático. Portanto, é nesse momento que vemos as consequências que o monolinguismo reflete em uma comunidade que poderia ter tido acesso à uma pluralidade linguística. Sendo assim, diante dessas circunstâncias todas, salientamos que nós professores precisamos ter consciência sobre o nosso papel. Além disso, é necessário que nós docentes almejamos ser ativos no que concerne às decisões advindas dessas políticas linguísticas e, como isso, defendermos diretrizes eficientes que valorizem a riqueza cultural e miscigenada que o nosso país dispõe, principalmente, no que diz respeito ao ensino de Língua Espanhola. (BARBOSA, 2013, p.18)

Ao protagonizar apenas o inglês e espanhol da Espanha perpetua-se a consequência da colonialidade indo-europeia, que distância o aluno de ter um senso crítico sobre a própria comunidade em que ele existe, o que nós como futuros professores de História não gostaríamos, pois a ideia é que se forme sujeitos que sejam capazes de identificar suas raízes localizando-os em aspectos culturais e históricos que o cercam. Assim, libertando-o de qualquer amarra colonialista:

No ano seguinte, 1992, se dá a criação do Instituto Cervantes na Espanha, órgão que chegaria ao Brasil em 1998, primeiramente na cidade de São Paulo e em 2001 no Rio de Janeiro⁴. Este é o órgão oficial do Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha para fomentar o Espanhol como língua estrangeira fora do território nacional, sendo, portanto, de cunho político. Ter vindo para o Brasil depois da criação do MERCOSUL pode não ser apenas uma coincidência, mas sim a confirmação de que a Espanha seguia com sua política linguística externa, lutando por garantir a presença do Espanhol fora de seu espaço geopolítico. Além da oportuna presença do Instituto Cervantes, houve a partir dos anos noventa uma intensa corrida de editoras às instituições brasileiras de ensino, no propósito de vender manuais didáticos que seriam utilizados, farta e cegamente, na rede privada e pública de nosso país. Esses materiais traziam em si, e sem disfarce, as marcas da política de hegemonia linguística, conhecida, pela primeira vez, nas caravelas dos conquistadores. (PARAQUETT, 2006, p.124)

O Mercado Comum do Sul - MERCOSUL é uma organização de integração regional fundada em 1991 e é composta por quatro membros plenos: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, além de diversos países associados e observadores. A Venezuela tornou-se um membro pleno em 2012, mas seu status de membro foi suspenso em 2016 devido a preocupações com relação à situação política no país. O principal objetivo do Mercado Comum do Sul é promover o livre comércio e a cooperação econômica e política entre os países membros, visando à criação de um mercado comum na América do Sul. Para atingir esse objetivo, o MERCOSUL elimina barreiras tarifárias, coordena políticas econômicas e busca harmonizar regulamentos, facilitando o comércio e a integração regional.

É válido ressaltar, como uma forma de se ter um maior desenvolvimento diplomático e troca de cultura foi criada uma lei que obriga a dispor da língua espanhola nas escolas do ensino médio no Brasil:

[...] em 2005, foi aprovada a Lei 11.161/2005, que obriga o oferecimento da língua espanhola nas escolas de nível médio no país, com matrícula facultativa ao aluno [...] embora houvesse uma Lei que obrigasse o oferecimento do espanhol nos currículos plenos do ensino médio, na prática, a normativa vinha sendo descumprida devido a diversos fatores, dentre os quais podemos citar o déficit de professores formados para ministrar a disciplina, a falta de concursos para contratação desses profissionais e a desvalorização das línguas estrangeiras como um todo dentro do cenário escola. (TONELLI, 2018, p.49)

O espanhol desempenha um papel significativo na comunicação internacional, negócios e diplomacia. Além disso, a língua consiste em estabelecer uma conexão cultural e regional da América Latina. Entretanto, apesar de sua relevância, o espanhol muitas vezes enfrenta estereótipos negativos nas escolas, onde pode ser visto como uma língua secundária em comparação com o inglês. É fundamental reconhecer a importância do espanhol na comunicação global e superar esses rótulos, incentivando o seu estudo e valorizando sua diversidade e identidade cultural e para isso, os diálogos com o ensino de história e as perspectivas interdisciplinares são fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere ao ensino de história, ainda encontramos dificuldades na historicidade da América Latina, devido ao fato, do protagonismo como já citado ser o europeu, portanto estuda-se pouco sobre os países latinos, e isso é como se houvesse um caráter negacionista histórico e preconceituoso.

A invisibilidade destes países começa quando se nega o estudo das diversas culturas que mantêm uma relação consistente e diária, através da língua, o espanhol. Este fato, foi presente visivelmente e vivenciado pelos acadêmicos do curso de história, participando do PIBID em sua edição que findou no ano de 2024.

A proposta inicial era produzir um bordado chileno, intitulado como arpillera, que remetesse às migrações que ocorreram em nossa região, no estado de Rondônia. Ao refletirmos sobre os conteúdos referentes aos países vizinhos que foram ofertados durante nossa vida escolar no fundamental e também no ensino médio, percebemos que sabíamos pouquíssimo em relação a estes países.

Conforme foi ocorrendo a dinâmica das atividades coordenadas pela professora coordenadora do subprojeto, descobrimos e identificamos com vários aspectos culturais de países da América do Sul que se misturam com o Brasil, a começar pelas ditaduras impostas, colonialidade do saber e do poder, seus bordados denunciando, mortes e sofrimento, outras faces do nosso passado ganharam relevo no desenvolvimento dos

estudos e ações do PIBID. Graças ao trabalho coletivo, foi possível contextualizar o tema gerador do projeto, por meio de palestra, filmes, músicas, debates, oficinas de bordados, leituras, fichamentos, ações junto as escolas envolvidas e diálogos constantes, assim, conseguimos compreender e assimilar, o quanto o passado latino-americano influencia no reconhecimento das continuidades e rupturas da história.

Por fim, mas não menos importante, salientamos o papel que Violeta Parra exerceu durante a ditadura de Pinochet, apesar de não ter vivido no período, suas canções com matriz popular e que ressoavam as culturas locais, foi inspiradora da poética-musical-literária nos anos de chumbo do governo ditatorial. Sua música ultrapassou as fronteiras do tempo e nos atravessa de forma única, assim como aos chilenos. As letras dessas canções apresentam a beleza do simples da vida cotidiana e perpassa por duras críticas as elites por seus crimes e abusos praticados contra a população.

O presente trabalho nos trouxe diversos desafios e novas concepções, visto que ao pesquisar sobre o assunto, foi notado uma escassez de apoio didático e pouca produção referente à ditadura militar chilena em português. Os artigos científicos que encontramos em sua maioria são em espanhol e por diversas vezes o google não correspondia à tradução correta, para superar essa lacuna, contamos com os conhecimentos de espanhol de uma das autoras desse artigo, pois, como também já dito não leva em conta que o espanhol latino tem influências indígenas, africanas e regionais, e consequentemente, acaba distanciando o sentido da palavra, fato que foi percebido porque uma destas autoras é fluente em espanhol. Já nos relatos das vítimas e seus familiares notamos a falta ou perda de dramaticidade devido a estas distorções.

Em síntese, a história Latina deveria ser mais estudada, uma vez em que, é um símbolo de resistência, revoluções e lutas de um povo que foi severamente explorado e escravizado durante séculos e seus protagonistas apagados e muitas vezes simplesmente esquecidos, pois só assim é possível formar jovens aptos para criticar e extirpar qualquer tipo de intervenção e preconceito colonialista que possa existir a começar por valorizar seu idioma local nativo, o espanhol latino.

REFERÊNCIAS

BACIC, Roberta. **Arpilleras da resistência chilena**. Apresentação: Paulo Abrão. Brasília (DF): Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em: https://cain.ulster.ac.uk/conflicttextiles/mediafiles/212_2012-03-22_Brazil_Catalogo-Arpilleras.pdf. Acesso em: 04/10/2023.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Fórmula Para O Caos**: Ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BARBOSA, Eliene dos Santos. **Retrocessos No Ensino De Espanhol: As atuais políticas linguísticas brasileiras e os editais de concursos públicos na Paraíba**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cabedelo (PB), 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1175>. Acesso em: 25/10/2023.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=WjJ5DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=O+espanhol+%C3%A9+uma+l%C3%ADngua+roman%C3%A7os,+o+que+significa+que+descende+do+latim+vulgar&ots=TosD82Zt1U&sig=yInEkueQVKqAIUjFECz91J7QuGl&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 15/02/2025.

CAMPOS, Geir. **O Que é Tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Disponível em: <https://ava.ufca.edu.br/mod/resource/view.php?id=2809>. Acesso em: 19/10/2023.

COSTA, Gislaine Caprioli; DANIEL, Fátima de Gênova. Google Tradutor: Análise de Utilização e Desempenho da Ferramenta. **Tradterm**, São Paulo, v. 22, p. 327-361, dez., 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/69145>. Acesso em 24/10/2023.

GAMA, Nilton Vasco da. A formação da Língua Espanhola: uma Visão Sociolingüística. **Universitas**, [S. l.], Salvador (BA), n. 27, p. 125-142, out./dez., 1979. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/article/view/1190>. Acesso em 16/02/2025.

LIMA, Maria do Socorro Pereira. **Arpilleras: o bordado como performance cultural chilena em favor do drama social**. Dissertação da pós-graduação interdisciplinar em Performances culturais. Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/416e2c2b-2bfc-46f0-b3ca-09d31fa0036d>. Acesso em: 15/10/2023.

MENDES, Valdenésio Aduci; MENDES, Raony Valdenésio Aduci Odremân. **Silenciamentos e invisibilidade étnico-raciais ao longo do processo sócio-histórico e cultura oral latino-americano: o que a educação e a escola tem a ver com isso?**. In: GEVEHR, Daniel Luciano (Org.). Raça etnia e gênero: questões do tempo presente. Guarujá (SP): Editora Científica Digital, 2022, p.263-278. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/211106636.pdf>. Acesso em: 14/02/2025.

OLIVEIRA, Paulo. **Tradução e Ética**. In: AMORIM, Lauro; RODRIGUES, Cristiano Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade (org.). Tradução e Perspectivas Teóricas e Práticas. São Paulo, Editora Unesp Digital, 2015, p.71-98. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614.pdf>. Acesso em: 31/10/2023.

OLIVEIRA, Sueli Terezinha. **O Ensino Do Espanhol No Brasil: Silenciamentos e Dominâncias**. Dissertação de Mestrado em Ciências da linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Palhoça (SC), 2011. Disponível em: <https://www.unisul.br/wp-content/uploads/2024/07/PPGCL-Lista-de-Dissertacoes.pdf>. Acesso em: 17/10/2023.

PARAQUETT, Marcia. **As Dimensões Políticas Sobre O Ensino Da Língua Espanhola No Brasil: Tradições e Inovações**. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise (Org.). Espaços Linguísticos: Resistências e expansões. Salvador, UFBA, 2006, p. 115-146. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33940>. Acesso em: 07/11/2023.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **As línguas indígenas e a constituinte**. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). Política Linguística na América Latina. Campinas (SP): Pontes, 1988. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio/orlandi-1988-politica>. Acesso em: 20/11/2023.

PINTO, João Ricardo Carneiro; MENDONÇA, Paulinho. **Sangue Latino**. Universal Music Publishing MGB Brasil Ltda. São Paulo: 1999. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ney-matogrosso/sangue-latino.html>. Acesso em: 14/02/2025.

SILVA, Girlene Moreira da; ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. A leitura literária no ensino comunicativo da língua espanhola no ensino médio. **Revista Desenredo**, Passo Fundo (RS), v. 9, n. 1, p. 157-173, jan./jun. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272713308_A_leitura_literaria_no_ensino_comunicativo_da_lingua_espanhola_no_ensino_medio. Acesso em: 25/09/2023.

TONELLI, Fernanda. Políticas linguísticas e o lugar da língua espanhola nos Institutos Federais. **Revista Entre Línguas**, Araraquara (SP), v. 4, n. 1, p. 43–57, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.29051/rel.v4.n1.2018.10979>. Acesso em: 25/09/2023.

Genero. La Parte de Atras de la Arpillera. YouTube, 6 de novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/fB2UDMZbkdw?feature=shared>.